

Sem esporte e nem lazer

ED ALVES

Mara Puljz

Crianças e adolescentes têm sofrido com a falta de lazer e atividades esportivas no Distrito Federal. O problema não é difícil de ser identificado. Basta olhar para o lado para perceber a situação de abandono das quadras poliesportivas. São redes rasgadas, cestas de basquete arrancadas, piso quebrado e alambrados danificados. Segundo a Secretaria de Esportes, das 600 quadras existentes no DF, pelo menos 70% precisam passar por um processo de revitalização.

Os adolescentes não são os únicos prejudicados. A falta de parques e a quantidade de brinquedos quebrados fazem com que as crianças também encontrem dificuldade para se divertir. Na sexta matéria da série sobre os 18 anos do Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA), o **Jornal de Brasília** mostra que o direito ao lazer e ao esporte poucas vezes tem saído do papel.

O cuidado com essas áreas, bem como o incentivo da cultura entre grupos de jovens, tem deixado a desejar em diversos aspectos. De acordo com a promotora de Justiça da Infância e da Juventude Selma Sauerbronn, o Estado não tem cumprido seu dever. "Hoje, o esporte e o lazer são proporcionados pela família. Isso, quando ela tem condições, porque em relação à comunidade pobre, eles ficam sem ter para onde correr", critica.

Os adolescentes são unânimes em dizer que passam boa parte do tempo sem fazer nada. "A gente chega em casa e não

tem nada para fazer, e quando encontramos uma quadra de esporte, os maiores ainda chegam e expulsam a gente. Eles falam que nós vamos apanhar se a gente não *vazar*. Aí, o jeito é assistir televisão ou jogar bola na rua porque minha mãe não tem como pagar uma escolinha", conta Lucas de Sousa Santos, 14 anos, morador de Ceilândia.

Ainda assim, o risco de acidentes de carro e o medo da violência têm feito com que muitos pais evitem deixar os filhos saírem para se divertir, nem mesmo perto de casa. "Em casa, eu tenho computador, videogame, DVD, som e televisão.

Minha mãe não gosta que eu fique do lado de fora porque tem muito tiroteio e, na rua, a gente tem que prestar mais atenção nos carros do que na bola", disse Lucas.

■ Falta incentivo

Para o professor de Educação Física e de Metodologia do Atletismo da Universidade de Brasília (UnB), Tadeu Monteiro, cada vez mais as crianças estão deixando de praticar esportes pela falta de incentivo. "Só criar programas para criar talentos não significa nada, é preciso dar continuidade ao trabalho e acompanhar esses meninos e meninas. Os pais têm receio de mandar o filho para rua e isso é um problema porque estamos vivendo uma geração botão onde a internet e o videogame passaram a ser a única opção dos adolescentes", avalia.

Para as crianças pequenas também faltam opções. "Minha filha brinca mais em casa porque não tem outro lugar. O único parquinho fica distante de casa



■ A CRIANÇA RECLAMA E PEDE QUE OS PARQUINHOS SEJAM CONSERTADOS. MUITOS FICAM TRANCADOS EM CASA POR NÃO TER ONDE BRINCAR

e, ainda assim, os brinquedos só foram colocados há 15 dias. Quase não levo ela para brincar porque, na maioria das vezes, o espaço sempre está tomado por meninos maiores e, para ela que só tem cinco anos, é perigoso. Também tenho medo que ela se machuque em brinquedos quebrados", explica a moradora de Samambaia, Janize da Silva Me-

lo, 19 anos. Na falta do que fazer, o jeito se virar como pode. "A gente joga na rua mesmo porque as quadras estão todas ocupadas ou danificadas", revela a estudante da 6ª série Thais Monique Pereira, 13 anos, moradora de Ceilândia.

O secretário de Esportes, Aguinaldo de Jesus, admite que a situação não é a mais apro-

priada, mas afirma que todos os esforços estão sendo feitos no sentido de aumentar a quantidade de quadras e parques nas regiões administrativas do DF, além de reformar as existentes. Ao todo, 15 quadras poliesportivas com ginásio foram inauguradas este ano, mas a expectativa é que outras 30 sejam distribuídas nos próximos meses

em Ceilândia, Gama, Samambaia, Planaltina e Paranoá.

O processo está em fase final de licitação. Entretanto, uma das maiores dificuldades, segundo Aguinaldo, é manter esses espaços esportivos bem conservados. "A gente recupera, mas os vândalos depredam tudo e todo o dinheiro público investido é jogado na lata de lixo", explica.

